

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.191

Sábado, 14 de Outubro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa-Telefone 5339-2

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

As relações internacionais

Há que esclarecer as determinantes dos votos da Covilhã destruindo o equívoco dissensor

A questão das relações internacionais não foi por alguns camara-das bem compreendida ou pelo menos a decisão da Covilhã e nós somos porisso forçados a ter que nos ocupar dela algumas vezes mais.

Há todo o interesse em destruir equívocos, em aclarar pontos de vista e em desfazer os «sarilhos» arranjados por aqueles que torcem o significado real das coisas para poderem levar a água ao moinho das suas conveniências partidárias e políticas.

Mal procedem aqueles que introduzem nos organismos sindicais o vírus da dissolução, sofismando os factos e determinando resoluções precipitadas. Os que assim procedem nem sequer reparam que colocam os organismos de que fazem parte em contingências desastrosas, moralmente comprometedoras, de que mais tarde sentirão os perniciosos efeitos.

Não tem bem presente a noção da própria responsabilidade e por isso nem sempre se dão ao cuidado de estudar conscienciosamente as questões sobre as quais tem que pronunciar-se e pelo mesmo modo procedem quando depois informam os organismos de que são mandatados.

Surgem depois resoluções impensadas, precipitadas, que determinarão o arrependimento quando, mais tarde, todos se deem inteira conta das realidades.

Nós já aqui dissemos qual foi o significado dos votos da Covilhã na decisão sobre as relações internacionais. E tendo caído mal o número de votantes dessa resolução necessário é esclarecer quais foram os motivos porque tal facto sucedeu.

Estava-se já no quinto dia de congresso e como para o mesmo só quatro dias haviam sido fixados grande parte dos delegados que não dispunham de recursos para mais dias, na altura da votação — que foi ao escurecer do quinto dia do congresso — ou já haviam retirado da Covilhã, ou tinham retirado da sala do congresso para arranjar os preparativos para o regresso às suas localidades no comboio que da Covilhã parte pelas 20 horas.

Todavia necessário é recordar que a moção do Clemente Vieira dos Santos foi coroada com uma salva de palmas, quando aquele delegado terminou a sua leitura. Sucedeu isto na sessão da manhã,

quando da Covilhã poucos delegados haviam retirado e o Congresso estava na sua máxima força de representações. Com essa manifestação espontânea e entusiástica aquela moção considerava-se por assim dizer aprovada desde logo por aclamação e pela maioria do Congresso.

Qual foi a decisão da Covilhã? Leia-se, uma vez mais:

«O Congresso Nacional Operário, reunido na Covilhã, resolve:

1.º — Ratificar a sua plena concordância, para manter a sua coesão, com a tese já aprovada sobre a Organização Social Sindicalista;

2.º — Manter a genuína característica do sindicalismo revolucionário em que a organização operária portuguesa tem assentado;

3.º — Não aceitar a adesão a qualquer das duas internacionais existentes, uma (a de Amsterdam), por falsear a sua missão histórica, colaborando com a burguesia;

4.º — I. S. V., por estabelecer a coligação com os partidos políticos comunistas e estatistas que pretendem estagnar e absorver a revolução, e por estar intimamente relacionada com o Estado russo;

5.º — Aceitar os princípios estabelecidos na conferência de Berlim, por estarem consentâneos com o espírito revolucionário pré-estabelecido na tese Organizadora Social Sindicalista, aguardando, para resolução definitiva, a efectivação do Congresso marcado pela mesma conferência, no qual se fará representar, se possível for, o operariado português».

Porque votou o Congresso da Covilhã esta resolução?

Além das razões fundamentais constantes da moção que precede aquelas conclusões e que representam uma afirmação de coesão com a tese da Comissão Organizadora: Organização Social Sindicalista, já então votada pelo Congresso, havia que considerar os princípios morais que sempre caracterizaram a organização revolucionária portuguesa, consubstanciados fundamentalmente nas resoluções do Congresso de Coimbra.

O proletariado português organizado pela sua Confederação Nacional entrará desde já em relações com as centrais operárias dos outros países, sem aliar ou apoucar a sua autonomia, respeitando reciprocamente os mesmos princípios, por parte das organizações dos outros países, condição indispensável para um bom entendimento dentro dos moldes sindicais.

A Confederação *** influirá, nas conferências, congressos internacionais ou nas simples e amistosas relações cotidianas com as centrais dos outros países, para que se institua a Confederação Internacional do Trabalho, com representantes exclusivamente operários, não sendo estes investidos de qualquer mandato político, para que por este or-

ganismo novo se coordene a acção geral dos trabalhadores de todos os países que aspiram ao fim comum da sua integral emancipação.

Na nossa organização não são permitidos, no exercício de quaisquer cargos, indivíduos investidos de qualquer mandato político. Porque? Para não interferirem na sua orientação, nem nas suas decisões, desviando a organização ou a sua acção para fins políticos contrários ao espírito revolucionário e de independência que devem animar a classe operária organizada.

Se o Congresso votasse a adesão a Moscúvia, votava contra o espírito revolucionário e contra a independência da organização operária portuguesa.

Os estatutos da I. S. V. prescrevem (alínea 7 do capítulo IV) «o acôrdo completo com todas as organizações revolucionárias e com os partidos comunistas nacionais em todos os actos ofensivos e defensivos contra a burguesia».

Isto — e não apenas o capítulo VI em que tanto se fala — representa a anulação da autonomia dos sindicatos.

A organização operária portuguesa que tem repudiado os indivíduos investidos com mandatos políticos e que se havia proposto defender este critério nas relações internacionais para a constituição duma Internacional revolucionária autónoma, desmentiria o seu passado e o seu critério revolucionário e autonomista se aceitasse uma Internacional que lhe impõe o que mantém ligações orgânicas com um partido político que se propõe ser o supremo director espiritual e político de toda a acção do operariado.

Ora não é isto, positivamente, o que pretendiam os delegados que na Covilhã votaram por Moscúvia.

Na sua maioria todos são sindicalistas revolucionários, com uma acção inconfundível dentro do movimento operário português.

A sua atitude só pode ser considerada como resultante dum equívoco momentâneo e não como uma manifestação política, que eles repudiavam como sinceros sindicalistas revolucionários.

E o nosso propósito é contrariar para que o equívoco não perdure, em nome dos altos interesses da organização operária.

Continuaremos, pois, esclarecendo a resolução da Covilhã como única maneira de destruir dissensões.

C. G. T.

Comité Confederal

NOTA OFICIOSA

O novo Comité Confederal, ao tomar posse do mandato que lhe foi conferido pelo 3.º Congresso Operário Nacional, saúda toda a família proletária.

Este Comité, inspirado na directriz demarcada pelo Congresso de Coimbra e exuberantemente confirmada na Covilhã, por cima de todos os interesses máximos da Organização, procurando congregar todos os elementos que leal e sinceramente preconizem a luta pela emancipação humana, sem tergiversar dos seus princípios sindicalistas revolucionários, agindo pela acção directa e sem a colaboração de quaisquer elementos, seitas ou partidos antagonistas.

Assim, sem a pretensão de cair num centralismo nocivo, o novo Comité, com a noção do presente e olhos postos no futuro, confia no concurso de todos os bem intencionados e deseja que todas as células da organização (sindicatos, federações e uniões) mantenham a máxima vitalidade, sem o que a vida da C. G. T. será efêmera, ficando a esta a missão de alargar o seu raio de acção, organizando e orientando a massa organizada na acção a expender.

Saindo do estreito âmbito nacional e transpondo as convencionais fronteiras a Central Portuguesa procurará manter as mais estreitas e amistosas relações com as suas congêneres do estrangeiro, consolidando os laços de afinidade que nos ligam aos nossos irmãos da península, consoante os votos emitidos pelo Congresso da Covilhã.

Sentido ante si o apoio da massa que representa, nela inspirado, o novo Comité procurará dar cabal cumprimento à missão que agora inicia.

O Comité Confederal

“Andar ao mesmo”

Um carvoeiro que é um símbolo

Há frases concisas que na sua singeleza definem uma época, sintetizam uma filosofia, consubstanciam um princípio político-social, contribuem para o apeamento dum ídolo. São frases que ficam. Antes da república correu mundo a seguinte frase — ou vai, ou racha! — trovejada por um político em evidência e que definia uma época — uma espécie de bálsamo de oxigénio aplicado à monarquia agonizante.

Rachou — e ainda bem... para alguns...

Essa expressão de exultação que é traduzida grotescamente por — a lua es-pelha-se no mar, que lindo panorama que mete! — reproduz uma paisagem que se fosse descrita por um literato de génio ou interpretada por um pintor também de génio seria uma bela página literária ou um quadro de museu. Assim é um número de revista.

Oni soit qui mal y pense é uma legenda, como pode ser também um dogma, como pode ser ainda um princípio moral. É uma frase virtuosa, incompreensível para os amadores.

Há as frases lapidárias de Nietzsche, de Schopenhauer, de Ibsen que têm dentro das suas palavras uma filosofia. Há as palavras dos políticos dos tempos da propaganda — frases que eram cabazadas de promessas radioas para este povo escravizado por um regime sete vezes secular.

«O povo não pode nem deve pagar mais» — dizia-se; hoje diz-se — «o povo pode e deve pagar: povo que não pode pagar é povo morto, e o povo português está vivo». As convicções dos nossos homens públicos variam consoante a situação que ocupam, como se vê.

Tudo, porém, mudou com o tempo. Em aspectos citadinos é toda-pona ou paupernização, vocabulário criado pelo humoismo incógnito a propósito dessa obra grandiosa que é a transformação do rossiço lisboeta — grandiosa porque o tempo e o dinheiro nela empregado lhe dão esses foros — e que demonstra o triunfo da incompetência na administração municipal que corre parelhas com a administração do Estado.

Em filosofia temos a retórica balofa

do sr. José Augusto Correia; em política temos os sagrados princípios exaltados pelo sr. Mayer Garçon e os mesmos deformados pelo sr. Trindade Coelho. Em economia temos as pretensões de alguns sujeitos que pretendem que os que já trabalham, trabalhem mais ainda, para que os que nada fazem possam ainda fazer menos.

Em moral-social há então frases que são verdadeiros achados. Há o — salve-se quem puder, o — quem vier atrás de mim que feche a porta, etc. Nestas frases está compendiada uma civilização — a fase utilitária que ora atravessamos, Mas sobre todas estas frases uma há que diz mais que todas elas: Andar ao mesmo. Andar ao mesmo é hoje a divisa daqueles que se governam de qualquer maneira, é a justificação daqueles que tripudiam dentro ou fora da lei.

Há tempos, o então comissário dos abastecimentos, Peres Trancoso, mandou prender um carvoeiro que duvidava da sua honestidade. Como o funcionário lhe exprobasse a pouca probidade de comercial, apelidando-a com propriedade de roubo, o homem contrapôs:

— Ora... hoje toda a gente rouba.

— Quer então dizer que também eu roubo...

— Eu sei lá que horas são — insinuou o honrado comerciante. Andamos todos ao mesmo...

Este carvoeiro simboliza a maravilha do espírito da época de dissolução moral que atravessamos. Como partícula das chamadas forças vivas rouba com o maior impudor, o que não o priva certamente que nas suas conversas com os colegas se insinua, como pessoa honesta que se presa talvez de ser, contra os castrados que, expondo-se aos perigos do metier, palmam a carteira ou o relógio de algum comerciante endinheirado.

O que seria lógico, no caso de este ornamento do nosso comércio ser esca-moteado por algum dos tais colegas que as leis perseguem, era, em vez de ir incomodar a polícia, dissesse, tomando uma atitude resignada, fatalista:

— Andamos todos ao mesmo!

Jesus PEIXOTO

Associação do Registo Civil

Pela instrução

Tem lugar na próxima segunda-feira a abertura das aulas diurnas de instrução primária a cargo da professora, a sr. D. Adelaide Garcia. As aulas de francês e inglês, dirigidas pelo sr. Brito Batten-court, começaram ontem, podendo ainda ser matriculados todos os alunos que por falta de tempo não o puderam fazer.

A festa para a distribuição de prémios aos alunos que se distinguiram no ano lectivo findo realizar-se há no próximo domingo, 29 do corrente.

Quermesse

Efectua-se, efectivamente, depois de amanhã, a inauguração da quermesse para angariação dos fundos a fim de auxiliar o colégio escolar. A comissão de senhoras que promove esta quermesse, tem continuado recebendo valiosas prendas.

Presos por questões sociais

A solidariedade operária

Nas prisões encontram-se algumas dezenas de camaradas encarcerados por questões sociais. Sofrem eles e suas famílias as torturas da longa permanência nas prisões, passando as maiores necessidades.

Para evitar um pouco essas necessidades, todos os operários conscientes devem contribuir para que as suas condições económicas se rejam minoradas.

A comissão pró-presos por questões sociais encontra-se hoje na Calçada do Combro, 38-A, 2.º, para receber o auxílio para esses camaradas.

O Comité Confederal e o Sindicato Metalúrgico fazem um apêlo ao sentimento de solidariedade da classe trabalhadora pró-mineiros e metalúrgicos de Aljustrel, que lutam há dias com uma empresa draconiana, que torpemente se recusa a atender as diminutas e justas reclamações daquela legião de escravos do sub-solo.

EM LOUVOR DO S. LONGUINHOS...

Considerações «tripeiras» que enquadram a primor na ordem dos «alfacinhas» dos municípios, do comércio e da indústria

É pecha inveterada nas nossas épocas de extorções, sem outras formalidades que não sejam as da mais extravagante incumprimento, os produtos essenciais à existência humana subirem o ingreme calvário do agravamento do câmbio, em obediência fatalista das determinações bancocráticas dos financeiros que imperam em todas as riquezas públicas. Em consequência daquela endémica enfermidade, que tem gangrenado a combalida compleição da economia nacional, os micróbios parasitários desenvolvidos na podridão comercial e industrial, política e burocrática, teem incluído maravilhosamente na sua existência sugadora, levando-nos a carne, tirando-nos a pele, bebendo-nos o sangue mas, infelizmente, tendo o cuidado de nos deixar a paciência...

O câmbio, como está suficientemente provado, tem sido a ardida desculpa à volta da qual há girado a resolução do encarecimento, por motu-continuo, dos géneros alimentícios. Encarece a libra cheque, encarece a libra ouro, logo tudo quanto está intra-balcão, adquirido por uma divisa cambial muito em conta, sofre uma imediata alteração, um rápido solavanco para as culmínias hidro-avióticas da rapacidade infrene — em louvor do patriotismo das colectividades industriais e comerciais que, submissas às hipocrisias e convencionalistas posturas, igualmente enviaram os seus telegramas de bom regresso ao ilustre chefe de um Estado que está assediado por uma irrequieta quadrilha de abutres a depenecarem, insaciavelmente, no fígado dilacerado dum povo miserável e guindado à histórica categoria de ridículo Prometeu...

Não sabemos porque fenómeno favorável, o câmbio referido, e originador de tantas desgraças, melhorou um pouco nestes dias, segundo anunciaram as metélicas trombetas do bolista José das operações d'échange, que abalaram a Jericó das incredulidades nos bons

propósitos dos senhores banqueiros... Não sabemos, nem carecemos de saber. O que é do nosso conhecimento absoluto é que a imprensa citadina, radiante pelo acontecimento de lisonjeira esperança, gloriosamente entou o Plan das luminosidades feéricas duma vida suavisada, onde o juízo se encasquetasse novamente no tuitito avariado dos avaros e honrados negociantes da nossa praça, de molde a que o assalto à bolsa do consumidor depenado adquirisse uma desanuviada velocidade em contrário. Se é certo que o nosso município, que no seu seio conta com tam ilustres clínicos, por uma questão de eficaz profilaxia anti-rábica aumentou as licenças da variada canzoada que para aí rabeia e salta, não é menos verdade que todos nós esperávamos uma baixa de custos nos géneros, que nos desafogasse um tanto das agruras porque passam os nossos estômagos, estendidos numa dispênia apavorante. Se a pioração do câmbio trazia como consequente resultado a imediata e triplicadamente caríssima da vida, a sua melhoria, salvas as desculpas da nossa estupidez, devia também acarretar o consequente e triplicado embarracimento dos alimentos de que precisamos...

Mas não, nem mesmo depois da abolição das barreiras da guarda fiscal, que, não cobrando o imposto de real de água nem o imposto do consumo, para o governo, devia influir no custo melhorado dos produtos. Não, porque a insânia gananciosa ganhou tamanho movimento de aceleração, que só a alavanca do landreio é que poderá diminuir-lhe e enterrar-lhe a marcha... Apesar da melhoria do câmbio trombetada, da abolição da guarda fiscal nas barreiras e da sintonia sentimental da imprensa, os armazénistas e os mercadores prosseguem na mesma atitude escamoteadora, em louvor de S. Longuinhos...

C. V. S.

Inquilinos e senhorios

A propósito das propostas de finanças e na parte em que uma delas estabelece uma base para a elaboração de novos arrendamentos com os competentes aumentos dos alugueis, estabeleceu-se em alguns jornais certa polémica sobre o quantum que a mesma lei estabelece para os referidos aumentos.

Através daquela discussão não foi fácil descorrtar qual seria real e verdadeiramente a base para os novos aumentos, por quanto se usavam afirmações que a base era uma, outros opunham uma base diferente.

Em face de tam contraditórias opiniões nos quedámos, esperando que os regulamentos respectivos viessem esclarecer a questão, pois muito interesse temos em elucidar o inquilinato que nos lê e que nestes casos precisa saber a quantias andá.

A esse respeito — Diário de Lisboa foi recolher a opinião do dr. sr. José Matos Cid, por meio duma entrevista.

Recordamos daquele jornal a parte mais interessante que, com devida vénia, transcrevemos:

«O Diário de Lisboa desejava ouvir a sua interpretação na parte das propostas de finanças, referente ao inquilinato...

— Teria o máximo empenho em satisfazer o seu pedido, mas...

— Mas...

— Não é cedo.

— Porque?

— Está nomeada uma comissão para interpretar a referida lei.

— Essa comissão...

— Deve dar o seu trabalho por findo dentro de breves dias. E só então lhe posso dizer alguma coisa.

— Por agora, é pois tempo perdido...

— Sim. Compreende-se: aquilo precisa de ser esclarecido. Ora, não vale a pena eu estar a fazer-lhe afirmações ao ar. Logo que a referida comissão esclareça a lei, estou às suas ordens. Dir-lhe hei então quais ficam sendo dora-avante os direitos e os deveres de senhorios e inquilinos.

Desta maneira fica-se sabendo que é prematuro tudo quanto se diga sobre a base para os novos aumentos de renda aos inquilinos, pois falta saber-se como se há de interpretar a lei.

O que toda a gente sabe desde já, ou desde há muito, é que terá que pagar, além do muito que já tem pago, aquilo que os interpretadores entendam que se deve pagar.

Vão, pois, os inquilinos pobres, os assalariados, apertando mais um furo à corcêia para poderem lucupletar os detentores da propriedade.

Universidades, academias e escolas

Universidade de Lisboa. — Os alunos da Faculdade de Direito, devem satisfazer o pagamento das suas inscrições e bem assim munirem-se dos respectivos bilhetes de identidade na secretaria geral desta Universidade, até ao dia 20 do corrente.

Instituto de Hidrologia. — Abre-se aberta a matrícula no curso de hidrologia, até 20 do corrente, das 11 às 15 horas, no Campo dos Mártires da Pátria, 91.

Desrespeito às 8 horas

A direcção do Sindicato dos Corticeiros de Belém, tendo conhecimento que alguns escolheiros de rolinhas foram trabalhar para a fábrica Corona e que tem desrespeitado o horário das 8 horas de trabalho e que tentam trabalhar no domingo, comunica a esses operários que tal acto não praticarem, pois que vão trair uma regalia que tantos sacrifícios tem causado à organização operária.

A direcção, na mesma data, vai enviar dois oficiais, um ao pessoal dessa fábrica e outro ao patrão, para que tais factos se não dêem.

A libra deste, mas os géneros sobem

Transcrevemos do Século:

«A libra ficou ontem a 93666, venda. Tendo ela atingido o preço de escudos 120800, oferece uma diferença de 26334, que já é muito apreciável. Antontem estacionou em 96800, à espera do que desse o acolhimento feito ao chefe do Estado pelo país. Como ela não podia ser mais carinhosa, nem a ordem pública acenar-se mais nitidamente, a reconhecemos que não havia outro remédio senão continuar a descer.

E continuará, porque as causas determinantes da baixa mantêm-se seguras. Mas, pergunta muita gente, porque é que desce o valor da libra, não desce proporcionalmente o preço dos géneros, que o comércio elevou a 25 por cento mais, apenas ela trepou a 120800?

Porque uma grande parte dos nossos comerciantes continua dominada pela sede insaciável das fortunas loucas; e porque encontra, simultaneamente, que lhe pague os géneros por todo o preço. Há novos ricos que não pensam em que a roda da fortuna lhes pode desandar amanhã, como já tem sucedido a muitos que gastavam à larga, e vangloriam-se de comprar só o que é caro.

São esses, principalmente, os que mais contribuem para a carestia da vida. Rimo-nos da sua toleima, da sua vaidade, da sua ridícula ostentação; mas, no fundo, sentimos duramente as consequências do seu perdurismo.

Porque não há de o consumidor ligar-se e fazer a inversa do que fazem os negociantes sem escrúpulos? Estes aumentam os preços dos produtos, que não dependem nada do ágio do ouro, quando este sobe. Pois bem; quando ele descer, paguemos-lhe também na mesma razão. Por exemplo: elevaram o preço do queijo da Serra de 6800 escudos para 8800, quando a libra subiu a 120800; agora, que ela desceu, volte-mos a pagá-lo pelos mesmos 6800 escudos, ou pelo que proporcionalmente der a divisa cambial, visto que esta influe num produto tam exclusivamente português!

Não podemos continuar nesta passividade, a sofrer todos os abusos e extorções de que somos vítimas. Seja qual for, o consumidor tem de tomar uma resolução e, quanto mais tarde, mais desesperada ela tem de ser.

A fome é negra e má conselheira. Bravo! Apoiadíssimo! Sim, senhor: «o consumidor tem que somar uma resolução» — e esta tem que ter enérgica. Muito bem!

Apêlo à solidariedade

A todos os metalúrgicos

O Sindicato Unico Metalúrgico de Lisboa, tendo em atenção a situação em que se encontram os mineiros e metalúrgicos das minas de Aljustrel, que há já bastante tempo se encontram em luta com a empresa exploradora das referidas minas — luta baseada numa reclamação de aumento de salário, pois que aqueles operários tem sido vítimas da mais infame exploração por parte da desumana empresa que, arrecadando fabulosos lucros dos minerais que os desgraçados operários, feitos toupeiras, arrancam às entrañas da terra, lhes distribui uns ínfimos salários que mal lhes chegam para morrem de fome; para que aqueles camaradas não baqueiem na luta que encetaram; para que não se rendam pela fome aos seus verdugos e exploradores, urge que os metalúrgicos abram quotas em todas as oficinas a favor daqueles lutadores, afim do que a solidariedade se faça sentir em prol da vitória dos explorados do Aljustrel.

O produto das quotas deve ser entregue na sede do sindicato.

Tabela-para português ver

Do Diário de Lisboa:

Scena edificante, ontem passada em certa merceria «chic»:

A porta, numa tabela, em algarismos bem visíveis, queijão da serra anunciado a seis escudos e oitenta centavos. O freguez entra e manda cortar uma determinada fracção de queijo. O caixeiro faz a conta à razão de oito escudos. O freguez fica espantado e recalcitra:

— Então a tabela marca um preço e o sr. vende por outro?

— A tabela é só para vista. Se quiser comprar compre e se não quiser mais fica!

— Eu compro a seis escudos e oitenta.

— E? ou compras! Eu não vendo!

— E eu vou chamar um polícia.

O caixeiro, irritadíssimo:

— Pois bem; leve lá isso! Mas olhe que é preciso não ter consciência nenhuma para discutir preços sabendo como a vida está cara.

Foi assim tal e qual.

“Seara Nova”

Era excelente esta revista, quando a podíamos consultar, nos poucos e fugidios momentos que o nosso labor nos deixava vagos. Foi nos primeiros números, nem sabemos já quantos, que a pudemos ver e ler, ou seja quando recebíamos a sua amável visita.

Hoje, porém, quasi só a vemos de longe, ignorando se mantém a nobre linha dos primeiros números, porque deixou de nos visitar. Ser culpa dos correios ou ter-se-a perdido na administração o respectivo verbe? Só por qualquer destes dois factos, deixou de visitar-nos, pois não acreditamos que seja outro o motivo.

Ler na 3.ª página, o folhetim

“O TRABALHO”

C. G. T.

Pró-mineiros de Aljustrel

Encontrando-se esta classe em luta há já muitos dias e numa situação angustiosa provocada pela injustificada renitência duma companhia exploradora e estrangeira, a C. G. T. lembra a todos os trabalhadores os deveres de solidariedade, desviando da sua féria uma partícula que, junto a outras, vai minorar a situação daqueles lutadores e lhes servirá de incentivo para prosseguir até consecução da vitória.

Quaisquer donativos poderão ser enviados de hoje em diante à administração de “A Batalha”.

O Comité Confederal.

Professores provisórios

O ministro da instrução nomeou professores provisórios para vários liceus, que só perceberão vencimentos depois do Parlamento conceder a respectiva autorização.

«Guitarra de Portugal»

Comunica-nos a redacção deste semanário que o mesmo só pode publicar-se na próxima quarta-feira com uma entrevista do escritor sr. Albino Forjaz de Samouco.

APÊLO DO "BUREAU" SINDICALISTA DOS TRABALHADORES REVOLUCIONARIOS

Lido numa sessão do Congresso da Covilhã

Camaradas: Acabamos de receber notícias da prisão em Moscova do nosso camarada Alexandre Schapiro, membro do Bureau Internacional dos Sindicalistas Revolucionários.

As razões deste procedimento do governo dos bolchevistas não foram ainda dadas oficialmente, porém, os que conhecem os métodos terroristas empregados pelo governo russo contra a esquerda revolucionária, não terão dúvida alguma sobre os verdadeiros motivos desta prisão.

O hábito do governo russo até agora tem sido afogar todos os protestos das massas operárias contra as prisões e encarceramento dos elementos da vanguarda da Rússia. Proclamou-se que ninguém é perseguido pelas suas ideias na República dos Soviéticos, e que os anarquistas, anarquisto-sindicalistas, e todos os revolucionários presos não são mais do que vulgares bandidos, cúmplices activos da contra-revolução, apanhados com as armas na mão. Foi esta a explicação dada por Bucarne, aos delegados estrangeiros que assistiram ao último Congresso da I. S. V.

Uma explicação idêntica foi dada por Tchitcherine aos anarquistas italianos durante a sua permanência em Génova. Tchitcherine garantiu formalmente que nenhum dos anarquistas presos tinha sido detido pelas suas ideias, e prometeu que o governo dos Soviéticos faria um inquérito minucioso.

Os camaradas fizeram então chegar às mãos dos anarquistas italianos uma lista, mais ou menos completa, dos que sofrem nas prisões, ou que foram detidos pela propaganda das suas ideias revolucionárias.

A grande maioria dos camaradas russos encarcerados, não são conhecidos dos camaradas do estrangeiro, e foi por isso sempre fácil ao governo soviético desvirtuar a verdade sobre esta questão. A prisão de Schapiro é porém uma prova irrefutável das maquinações dos homens de Estado da Rússia. Demonstra-nos o valor que se deve dar às suas afirmações.

Alexandre Schapiro é um camarada bem conhecido no mundo revolucionário há muitos anos, tanto pela sua actividade infatigável e desinteressada, como pelo seu trabalho de secretário do Bureau anarquista internacional. Ganhou pelo seu carácter a simpatia e consideração de todos os que com ele conviveram. A sua longa amizade com homens como Kropotkin e Malatesta, para só citar os mais conhecidos, é certamente a melhor prova da nobreza do seu carácter e da sinceridade das suas convicções.

Os representantes do sistema governamental actual da Rússia não se atreveriam a dirigir a este homem o insulto de bandido ou de criminoso de direito comum. Membro do grupo Pão e Liberdade (Club Volia) e redactor do periódico do mesmo nome, Schapiro era já sob o antigo regime tsarista um adversário das chamadas expropriações individuais nas quais via um perigo para a moral e existência do movimento revolucionário. Permaneceu sempre fiel a este princípio.

A honestidade de Schapiro é incontestável, e nós estamos persuadidos de que as autoridades da Rússia actual estão convencidas disto como nós mesmos. O governo russo não pode tão pouco acusar a Schapiro de ser um contra-re-

volucionário; toda a actividade do nosso camarada nos piores dias dos ataques da reacção contra a república dos soviéticos foi tão firme, que não se pode admitir a possibilidade de que o supunham suspeito. Durante as lutas que a república dos soviéticos sustentou contra as bordas de Iudenich, Denikin, Wrangel, etc., nos momentos em que a menor suspeita implicava a prisão imediata, o facto só de que Schapiro não foi nunca incomodado é a melhor prova de que mesmo nos meios bolchevistas não se duvidou nunca dos seus sentimentos revolucionários.

Após o seu regresso à Rússia, pouco depois da primeira revolução, Schapiro trabalhou activamente como secretário do sindicato dos ferroviários de Moscova e como membro da secção editora do Golos Truda, que se ocupava da edição das obras de Kropotkin e de outras obras conhecidas na literatura anarquista internacional. No campo da sua actividade foi impossível a menor suspeita, tanto mais que esta actividade se exerceu sempre à luz do dia e publicamente.

E' particularmente significativo, em vista do estado actual das coisas na Rússia, que a prisão de Schapiro tenha tido lugar precisamente agora.

As instâncias dos seus amigos e camaradas do estrangeiro, Schapiro saiu em dezembro do ano passado da Rússia, a fim de tomar parte no congresso anarquista internacional de Berlim. O governo russo estava certamente informado sobre o facto desta viagem, mas, que lhe fosse agradável ou não, não opôs nenhum obstáculo oficial a que ele partisse, e passou-lhe sem nenhuma dificuldade um passaporte em regra. Schapiro, cuja intenção não era ficar no estrangeiro, arranhou as suas coisas para voltar à Rússia. A fim de estar absolutamente seguro de que o poder soviético não levantaria nenhuma dificuldade ao seu regresso, dirigiu-se a Tchitcherine, que se encontrava precisamente em Berlim, e que o conhecia bem havia muitos anos. Este garantiu-lhe que nada havia que pudesse impedir, e teve a complacência de se ocupar para que a viagem fosse o mais rápida possível.

Depois, bruscamente, a notícia da prisão de Schapiro...

Os únicos motivos visíveis deste acto brutal de violência são que o nosso camarada redigiu, enquanto esteve entre nós, alguns protestos assinados contra a detenção arbitrária dos nossos camaradas anarquistas, anarquisto-sindicalistas e outros revolucionários. Além disso, na ocasião da última conferência internacional dos sindicalistas revolucionários, apresentou uma moção contra as perseguições sofridas por todos os revolucionários em todos os países sem excepção, moção que não podia ser agradável ao governo russo, mas que correspondia a factos provados, e era a expressão da sua convicção interior.

O facto de que Schapiro se tenha encarcerado da defesa dos seus camaradas presos na Rússia estava, não somente justificado sob o ponto de vista humano, mas era igualmente um acto de solidariedade elementar para com aqueles que estavam ligados pelas mesmas ideias e pelas mesmas concepções. Portar-se assim, quando estivesse

decidido a voltar à Rússia, em nada desabona a sua honradez. Em nenhum estado burguês se serviriam de semelhante pretexto, para o privarem da sua liberdade. Se se adoptam outros princípios na Rússia sobre este assunto, isso não realçará em nada o prestígio do "governo comunista", perante os olhos das massas trabalhadoras revolucionárias.

Para os sindicalistas revolucionários, este novo caso de justiça revolucionária tem todavia outra significação.

Schapiro é membro do Bureau Internacional dos sindicalistas revolucionários, e como tal, a sua prisão deve ser interpretada como um ataque a este Bureau e às organizações de todos os países, que lhe aderiram.

Preguntamos particularmente ao Comité executivo da I. S. V., que atitude pensa adoptar essa organização no caso Schapiro. A I. S. V. tem feito até ao presente todo o possível para atrair as suas filas os sindicalistas revolucionários; e terá a coragem de exigir ao governo russo a libertação do nosso camarada Schapiro? Existe na Rússia o hábito de encarcerar aqueles, cujos amigos e camaradas do estrangeiro se desajam reunir debaixo das bandeiras da Terceira Internacional.

Em todos os Congressos da Terceira Internacional e da I. S. V. se tem levantado energicamente protestos contra as perseguições que os governos burgueses fazem sofrer aos revolucionários estrangeiros, mas nunca se ouviu uma voz de rebeldia contra as perseguições que sofrem na Rússia os revolucionários sinceros. Desajam-se há conservar a mesma atitude perante o caso Schapiro?

Apelamos para os verdadeiros revolucionários de todos os países, para as federações sindicalistas nacionais, para que elevem a voz a favor da libertação imediata do nosso camarada, para que organizem por toda a parte grandes manifestações de protesto, para que adoptem resoluções, a fim de que a nossa vontade faça reflectir as autoridades da Rússia soviética. Esta acção deve-se começar imediatamente. O camarada Schapiro sofre uma grave doença do coração, e uma detenção prolongada poderia ter graves consequências. Além disso o nosso camarada está em perigo, e corre o risco de ser levado para algum atalho recanto da imensa Rússia, a fim de se lhe impedir toda a comunicação com o exterior. Uma rápida e séria acção internacional é de toda a urgência necessária.

Rogamos aos camaradas de todos os países, que nos informem sobre todas as reuniões e manifestações de protesto, bem como sobre as resoluções, que nestas sejam adoptadas.

Camaradas do mundo inteiro, elevai o vosso vibrante protesto, e recordai-vos do velho princípio: um por todos, todos por um.

Viva a solidariedade internacional! Pelo Bureau Internacional provisório dos sindicalistas revolucionários,

R. Rocher (secretário geral)
A. Borghi (Itália)
A. Pestana (Espanha)
Jensen (países escandinavos)

Enviai todas as comunicações a Fritz Kater, Berlim, O-34, Kopernikusstrasse, 25.

O fusilamento de Ferrer

Uma imponente sessão comemorativa na Universidade Livre

Promovida pelo Centro de Propaganda e Estudos Sociais, efectuou-se ontem uma sessão, na Universidade Livre, para comemorar o 13.º aniversário do fusilamento de Ferrer.

A sessão foi aberta às 21 horas, presidindo Francisco Cristo, secretário do Virgílio de Sousa e António Pires de Mito.

Francisco Cristo abre a sessão expondo os fins da mesma e concedendo em seguida a palavra a Cesar de Castro, delegado do Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa, que expõe o que foi a obra de Ferrer como educador da infância e pede aos jovens que não esqueçam a obra daquele grande revolucionário e se esforcem por continuá-la.

E' dada em seguida a palavra a Adriano Guerra que diz que a morte de Ferrer foi obra dos secretários de Loyola e que quando do seu assassinato todas as intelectualidades mundiais se levantaram contra a reacção espanhola. A reacção que fez fusilar Francisco Ferrer é a mesma que tem vindo esmagando o povo através de todos os tempos. Lamenta as desinteligências que existem no seio do operariado que permitiram a morte de Ferrer e que poderão ser causa do assassinato de todos os continuadores da sua obra.

Fala depois Jacinto Rufino que chega de Belem e se revolta contra a proibição feita pelo governador civil de Lisboa, da realização duma sessão com o mesmo fim que estava anunciada para a sede das secções sindicais de Belem, e protesta contra este acto que demonstra o reacção da reacção espanhola. Ferrer foi uma vítima da reacção, como vítimas da reacção serão todos os que lutem contra ela e pelo povo.

Ferrer levantando-se para combater as instituições religiosas obteve o fusilamento como recompensa da sua obra, mas se Ferrer morreu, não morreu a sua obra porque as ideias que ele produziu germinaram. Protesta e afirma que o modo de proceder das autoridades em Belem é tudo quanto há de menos republicano.

E' lido um telegrama de Miguel Almeida, de Arraiolos, que se associa a comemoração efectuada pelo Centro, e um ofício da secção da construção civil de Palma e arredores solidarizando-se com o gesto do mesmo Centro.

Francisco Cristo lembra que a república que expulsou os padres há alguns anos, os aceitou agora como amigos na manifestação ao presidente quando da sua chegada do Brasil.

Falou em seguida o sr. Alexandre Ferreira, da Universidade Livre, que diz ser preciso ter presente que Francisco Ferrer não era só um revolucionário doutrinarista, mas um revolucionário de acção, que executava o que propagava, qualidade muito apreciável por ser rara na raça latina.

Ferrer impôs os seus métodos de ensino, fazendo adoptar os seus livros, praticando o ensino directo sobre as crianças, e todos os que passavam pela sua escola se tornavam elementos activos, começando por se tornar anti-clericales e combatendo todos os vícios e impondo os princípios que tinham aprendido.

Que sorte poderia esperar na Espanha de Torquemada quem com tanta tenacidade combatia o reacção e semão a de ser condenado?

A causa da sua morte não foi a propaganda que fez nem os ataques que dirigiu ao rei e ao clericalismo, mais sim a sua grande obra de educação que militava os alicerces da organização estatal e revolucionária.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam. O ideal, sendo uma concepção da razão, é uma necessidade absoluta para a luta pela vida.

E' convidada a falar a sr. D. Ana Braga, que diz que todos deviam unir-se contra o espírito reacção; que todos se eduquem e criem uma força de vontade, que não se deixem arrastar por paixões.

E' necessário educarmo-nos na prática do bem, desenvolver a nossa consciência e inteligência e inculcar os nossos bons princípios no espírito das crianças. Atacando o clericalismo não o fez só por espírito de bondade, mas também por interesse, pois que a mulher tem sido a principal escrava da religião.

Entre o operariado há muitos valores e inteligências e muito há a fazer para se alargar a perfeitabilidade humana que levará séculos talvez.

E' de opinião que as mulheres se deviam interessar mais por estes assuntos, pois pelas suas qualidades e resistência moral em muito poderiam auxiliar os homens.

Falou depois Jorge Teixeira. O fusilamento de Ferrer é nesta data lembrado por todo o mundo e se há quem tenha o dever de o lembrar são os humildes, os trabalhadores.

Nesta data os intelectuais que compõem as Academias nem sequer se lembram de Francisco Ferrer como se a sua obra não fosse digna de admiração.

Ferrer, vítima da reacção, foi o grande educador, o paladino do bem e da virtude; pedagogo e revolucionário aliava o pensamento à acção pela educação e propaganda. Afirma que Ferrer não foi vítima da reacção espanhola mas sim da reacção mundial.

Compara a morte de Ferrer com o assassinato de Guilherme Lima. Guilherme Lima não tinha a inteligência de Ferrer, mas morreu também no campo da luta.

Ferrer soube que ia morrer, e contudo não recuou, continuou a sua obra sempre com a mesma actividade e seguiu até à morte as suas últimas palavras foram «Viva a Escola Moderna».

Fala Luciano Silva que depois de fazer várias considerações, propõe que no final da sessão, os presentes contribuam com o que puderem para o fundo de uma Escola Moderna a inaugurar em Lisboa.

O sr. Carneiro de Moura, que nesta sessão devia fazer uma palestra sobre a obra de Ferrer, não pôde, por caso de força maior, comparecer.

Estando esgotada a inscrição dos oradores, foi a sessão encerrada às 11 horas.

No final receberam-se os donativos para a Escola Moderna, conforme proposta de Luciano Silva, que atingiram 44\$00.

Realizar-se-hão em breve reuniões para se tratar deste assunto.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

Diz ser necessário que estas sessões

se repitam.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE - Às 21 horas (9 da noite) - HOJE

Companhia italiana de opereta

1.ª e única representação da deliciosa peça em 3 actos, de GIUSEPPI PIETRI:

A AGUA SERENA

LINDA MUSICA - MAGNIFICO DESEMPENHO

Amanhã: A pedido do público - 2.ª e última representação da linda opereta VIUVA ALEGRE

Os lucros dos lauradores

Estudo interessante dum trabalhador rural, que a respectiva Federação confirmará se duvidas alguém tiver

Está por demais verificado que as causas principais da carestia da vida residem na ganância e na exploração exercida por criaturas sem escrúpulos, que têm só em mira aumentar as suas fortunas, para gastar sem conta, vivendo uma vida fastuosa e de luxo.

A miséria em que o povo se debate é um caso de pouca importância para os detentores das riquezas. Estes só se incomodam em procurar para si todas as comodidades e prazeres, não querendo saber que para essas comodidades e prazeres contribuem poderosamente aqueles que desde o romper do sol labutam num trabalho extenuante.

O pão, que é o primeiro alimento que se põe na mesa dos proletários, podia e devia ser adquirido por preços razoáveis se a ganância dos senhores da terra não fosse tanta e se não deixassem de cultivar os terrenos que criminosamente conservam incultos.

E a prova-lo, temos em nosso poder um estudo aturado e interessante dum trabalhador rural, o camarada Miguel Simão Quaresma, secretário geral da Associação dos Trabalhadores Rurais da Aldeia Nova de S. Bento, pelo qual se demonstram os lucros dos lavradores que constantemente se queixam dos salários fabulosos dos escravos da terra e dos prejuízos que lhes dá a cultura.

Vamos transcrever esse estudo para que todos o apreciem e façam o seu juízo sobre as alegações dos lavradores e dos exploradores do povo:

O presente manifesto de produção de trigo, é para que todas as classes sociais vejam a maneira como se faz a exploração da terra, e se a agricultura deixa ganhos ou perdas. O presente manifesto é de 1.300 quilos de trigo, semeado em terrenos de barro, numa herdade denominada a Defesa. O dono desta herdade tem mais terrenos, por isso não posso fazer aqui, como era meu desejo, o balanço completo das despesas feitas com as mueres e com os homens que com elas trabalharam. Os que por aqui trabalham e noitras herdades próximas a Serpa, podem-nos o melhor do que eu, em face da maioria das ditas propriedades ficarem no concheio, e ainda porque quem mais nelas se ocupa são os trabalhadores rurais daquela vila. E já por esse facto, sou impellido a dar às geiras o preço segundo a época, como em baixo veremos.

«Ora esta seara que vamos descrever, não foi adubada jamais nos terrenos em que foi semeada. Fez-se apenas duas lavuras: uma em Janeiro e outra em Maio».

Notas - Este pequeno e simples trabalho que acabo de expor a público, em forma de estatística, é obra somente minha e tende a demonstrar franca e lealmente, a todos, as vantagens e desvantagens da produção diminuta como se vê, e criada em terrenos estérteis. E simultaneamente, vem servir de estímulo às nossas palavras, e provar mais uma vez a qualificativa incompetência dos detentores da terra, no respeito à administração agrícola no nosso país...

1.300 quilos de trigo semeado, a 50 centavos cada quilo 65\$000

122 geiras a 10\$00 escudos... 1.220\$00

37 " a 12\$00 " 444\$00

401,5 mulheres a 1\$20 centavos, na monda... 482\$60

143 homens na ceifa a 5\$00 715\$00

8 dias a uma parreira no carregamento para a casa a 15\$00 12 \$00

8 dias a um homem a dar molhos a 5\$00 escudos... 40\$00

Máquina na debulha... 510\$00

Total das despesas... 4.081\$00

Cojo trigo deu de produção 8.000 quilos, sendo vendidos ao preço de 85 centavos cada quilo, 7.310\$00

Total dos lucros apurado 3.228\$00

Cojo trigo deu de produção 8.000 quilos, sendo vendidos ao preço de 85 centavos cada quilo, 7.310\$00

Total dos lucros apurado 3.228\$00

Cojo trigo deu de produção 8.000 quilos, sendo vendidos ao preço de 85 centavos cada quilo, 7.310\$00

Total dos lucros apurado 3.228\$00

Cojo trigo deu de produção 8.000 quilos, sendo vendidos ao preço de 85 centavos cada quilo, 7.310\$00

Total dos lucros apurado 3.228\$00

Cojo trigo deu de produção 8.000 quilos, sendo vendidos ao preço de 85 centavos cada quilo, 7.310\$00

Total dos lucros apurado 3.228\$00

Cojo trigo deu de produção 8.000 quilos, sendo vendidos ao preço de 85 centavos cada quilo, 7.310\$00

Total dos lucros apurado 3.228\$00

Cojo trigo deu de produção 8.000 quilos, sendo vendidos ao preço de 85 centavos cada quilo, 7.310\$00

Total dos lucros apurado 3.228\$00

Cojo trigo deu de produção 8.000 quilos, sendo vendidos ao preço de 85 centavos cada quilo, 7.310\$00

Total dos lucros apurado 3.228\$00

Cojo trigo deu de produção 8.000 quilos, sendo vendidos ao preço de 85 centavos cada quilo, 7.310\$00

Total dos lucros apurado 3.228\$00

Cojo trigo deu de produção 8.000 quilos, sendo vendidos ao preço de 85 centavos cada quilo, 7.310\$00

Total dos lucros apurado 3.228\$00

Cojo trigo deu de produção 8.000 quilos, sendo vendidos ao preço de 85 centavos cada quilo, 7.310\$00

Total dos lucros apurado 3.228\$00

Cojo trigo deu de produção 8.000 quilos, sendo vendidos ao preço de 85 centavos cada quilo, 7.310\$00

Total dos lucros apurado 3.228\$00

Cojo trigo deu de produção 8.000 quilos, sendo vendidos ao preço de 85 centavos cada quilo, 7.310\$00

Total dos lucros apurado 3.228\$00

Cojo trigo deu de produção 8.000 quilos, sendo vendidos ao preço de 85 centavos cada quilo, 7.310\$00

Total dos lucros apurado 3.228\$00

